

## Editorial

### Revolução da ignorância e do conhecimento

Yuval Noah Harari, doutor em história pela Universidade de Oxford, aborda, no best-seller internacional “Sapiens – uma breve história da humanidade”, algumas das revoluções que forjaram nossa sociedade como ela é atualmente. Na parte quatro do livro, “A Revolução Científica” é apresentada como a última ocorrida na história da humanidade.

Harari defende a ideia de que “*a Revolução Científica não foi uma revolução do conhecimento. Foi, acima de tudo, uma revolução da ignorância. A grande descoberta que deu início à Revolução Científica foi a descoberta de que os humanos não têm as respostas para as suas perguntas mais importantes*” (p. 261). O autor continua, no parágrafo seguinte, indicando que o conhecimento universal era detido pelos “*grandes deuses, ou o Deus todo-poderoso, ou as pessoas sábias do passado (. . .) que revelavam a nós [o conhecimento] por meio de escrituras e tradições orais*” (p. 261).

A ciência, além de fornecer respostas para as perguntas que antes eram respondidas por deuses e sábios, concedeu poderes. Devido a isso, Harari afirma que “conhecimento é poder” (p. 269). Um exemplo disso foi o desenvolvimento, por meio de estudos científicos, de “*um fluxo constante de novas superarmas: aeronaves de combate, gás venenoso, tanques, submarinos, metralhadoras, peças de artilharia, rifles e bombas cada vez mais eficazes*” (p. 271), muitas delas utilizadas ostensivamente em guerras.

No entanto, para se desenvolver, a ciência necessita de investimento, pois “*a ciência não é algo que acontece em algum plano moral ou espiritual superior, acima do restante das atividades humanas. Como todas as outras partes da nossa cultura, é definida por interesses econômicos, políticos e religiosos*” (p. 281), sendo que “*os próprios cientistas nem sempre estão cientes dos interesses (. . .) que controlam o fluxo do dinheiro; muitos deles na verdade agem por pura curiosidade intelectual. No entanto, muito raramente são os cientistas que determinam a agenda científica*” (p. 282).

A “agenda científica” brasileira seguiu e segue interesses políticos, econômicos e religiosos, embora esse último não devesse fazer parte da lista, uma vez que o Brasil deveria ser um Estado laico. Talvez tais interesses não sejam tão desconhecidos aos pesquisadores (ou pelo menos supomos que não!). Uma breve análise de acontecimentos recentes

DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2020.v12i1.3787>

Como citar este artigo / To cite this article: [clique aqui!/click here!](#)

evidencia claramente a “agenda científica” atual do país – se é que há alguma além do aniquilamento da ciência nacional.

Anúncios de cortes de bolsas e verbas de pesquisa; articulação para fusão entre Capes e CNPq; ataques às universidades, principalmente públicas, com acusações levianas e delirantes; perseguição a pesquisadores de temas como gênero e ditadura e desconsideração de dados empíricos de fundações de pesquisa renomadas são alguns dos exemplos que escancaram os interesses políticos, econômicos e religiosos vigentes em nosso país. Tais interesses revelam uma visão restrita sobre a realidade a partir da total desconsideração de tudo aquilo que foge ao que é considerado certo por um grupo seletivo de pessoas. Tudo vale para que seus interesses reinem absolutos, até mesmo destruir aquilo que foi responsável, em grande medida, pelo avanço da humanidade – a ciência.

Vivemos a era das “Fake News”, da pós-verdade. Dados empíricos são desconsiderados. Opiniões são fatos. Se a revolução científica apresentada por Harari em seu livro, foi, na verdade, uma revolução da ignorância, ao percebermos que não tínhamos resposta para todas as perguntas, talvez agora estejamos vivendo uma revolução do conhecimento. Se, “*a grande descoberta que deu início à Revolução Científica foi a descoberta de que os humanos não têm as respostas para as suas perguntas mais importantes*”, agora, a grande descoberta que deu início ao que chamo de revolução do conhecimento é a de que temos as respostas para a maioria das nossas perguntas, mas podemos ignorá-las caso não concordemos com elas. Parece que voltamos aos tempos em que “*grandes deuses, ou o Deus todo-poderoso, ou as pessoas sábias do passado (. . .) revelavam a nós [o conhecimento] por meio de escrituras e tradições orais*”. A precarização do ensino, em todos seus níveis, é proposital para que tais “deuses” e “sábios” possam continuar propagando seu “conhecimento” (leia-se desinformação, preconceito e ignorância) por meio de escrituras e tradições orais, sendo as escrituras propagadas via WhatsApp e as tradições orais em lives de redes sociais.

Que nós, pesquisadores, sigamos cientes da nossa “ignorância” e da necessidade de atentar para os interesses políticos, econômicos ou religiosos que têm obstaculizado nossas pesquisas. Que nossas pesquisas consigam transpor tais obstáculos, sendo, cada vez mais, instrumentos de resistência. Que 2020 nos traga energia para isso.

\*Agradeço ao Wanduir Sausen, meu braço direito na condução da RPI, pela revisão e sugestões.

## Referência

Harari, Y. N. (2018). *Sapiens: Uma breve história da humanidade* (38a ed.; J. Marcoantonio, Trad). Porto Alegre, RS: L&PM.